



**DENISE PEREIRA
MARISTELA CARNEIRO
(ORGANIZADORAS)**

O BRASIL DIMENSIONADO PELA HISTÓRIA 2

Atena
Editora

Ano 2020



**DENISE PEREIRA
MARISTELA CARNEIRO
(ORGANIZADORAS)**

O BRASIL DIMENSIONADO PELA HISTÓRIA 2

Atena
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Karine de Lima

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
 (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

B823 O Brasil dimensionado pela história 2 [recurso eletrônico] /
 Organizadoras Denise Pereira, Maristela Carneiro. – Ponta
 Grossa, PR: Atena Editora, 2020. – (O Brasil Dimensionado pela
 História; v. 2)

Formato: PDF
 Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-85-7247-915-8
 DOI 10.22533/at.ed.158201501

1. Brasil – História. 2. Brasil – Fronteiras. I. Pereira, Denise.
 II. Carneiro, Maristela. III. Série.

CDD 981.65

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Um Brasil, muitos “Brasis”. A própria necessidade de descrever o plural entre aspas aponta para o obrigatório caráter de singularidade que vem com definições como país, nação e território nacional. Entretanto, há algo de profundamente idealista, simplificador e até mesmo pueril a respeito dessa singularização obrigatória. Países, a final, são químicas de muitos compostos e processos, raramente fáceis de delinear.

O Brasil, como qualquer outro país, é produto de conflitos, tensões e representações. Ao mesmo tempo uma imposição de condições circunstanciais e da assimilação de discursos internalizados, o Brasil existe na mente de seus habitantes como uma abstração, uma identidade coletiva, antes de se colocar como uma linha mais coerente de ideias encadeadas. Um recorte geográfico gigantesco. Uma economia complexa. Uma emblemática coleção de territórios, paisagens emocionais, panoramas urbanos. Uma frustrante cadeia de problemas políticos, sociais e ecológicos. Uma história. Múltiplas histórias.

Pois todos os fios das lutas e idiosincrasias que unem para constituir a trama deste país, um quadro complexo, variado e repleto de contradições, não podem ser compreendidos senão como produtos e signos dos contextos históricos em que nasceram. A história oferece um conjunto único de lentes, que nos permite detectar e apreciar os intrincados desenhos que compõem essa rica trama. A história permite dimensionar (e tensionar) diferentes “Brasis”, possibilitando outros olhares e enquadramentos, que complexificam as narrativas que contam e ressignificam o próprio conceito de Brasil.

Economia. Política. Arte. Religião. Educação. Campos de ação que fracionam a experiência humana em unidades compreensíveis e manuseáveis, produzindo especialidades e, mais importante, especificidades. Pela mirada da história podemos vislumbrar cada um destes recortes por intermédio das trajetórias descritas e geradas pelos mesmos, permitindo-nos melhor apreciar as facetas e dimensões deste país. Diferentes campos convergem para construir uma narrativa que auxilie na construção da identidade brasileira, a qual encontra na história um horizonte orientador para suas lutas e desafios. Aqui, a história se torna a pedra de toque para a leitura de diferentes problemáticas, que em última análise se propõem a medir os impactos das ações humanas no tempo e, também, construir um futuro mais humano e com mais acertos.

Diante deste olhar na História, esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira
Maristela Carneiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“O DIA EM QUE O CACIQUE” ENTOOU “UMA VOZ SOBERANA NO AR”: UM SAMBA DA VAI-VAI E DA NENÊ COMO LINGUAGEM DE PROTESTO EM TEMPOS SOMBRIOS	
Emerson Porto Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.1582015011	
CAPÍTULO 2	13
APONTAMENTOS HISTÓRICO-FILOSÓFICOS SOBRE AS ORIGENS E A DECADÊNCIA IDEOLÓGICA NAS CIÊNCIAS ECONÔMICAS	
Danne Vieira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1582015012	
CAPÍTULO 3	25
CEARENSES OU PIAUIENSES? REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE NA VILA DE AMARRAÇÃO NO LITORAL DO PIAUÍ NO FINAL DO SÉCULO XIX	
Marcus Pierre de Carvalho Baptista	
Francisco de Assis de Sousa Nascimento	
Elisabeth Mary de Carvalho Baptista	
DOI 10.22533/at.ed.1582015013	
CAPÍTULO 4	37
CAMINHOS DA HISTÓRIA INDÍGENA: TEORIAS, METODOLOGIAS E PRÁTICAS	
Éder da Silva Novak	
Maria Simone Jacomini Novak	
DOI 10.22533/at.ed.1582015014	
CAPÍTULO 5	47
CENTRO DE MEMÓRIA E DE PESQUISA HISTÓRICA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS (1989-2009): 20 ANOS DE HISTÓRIA	
Marina Carolina Rezende Costa	
DOI 10.22533/at.ed.1582015015	
CAPÍTULO 6	58
JUSTIÇA ESTATAL E JUSTIÇA NEGOCIADA: FURTO DE GADO, AÇÃO PENAL E JUSTIÇA NÃO ESTATAL NO BRASIL (1860- 1899)	
Lucas Ribeiro Garro Lourenço	
DOI 10.22533/at.ed.1582015016	
CAPÍTULO 7	70
INTERFACE ENTRE FOUCAULT E BUTLER: CAMINHOS PARA SE PENSAR OS CORPOS, SEXUALIDADES/GÊNEROS, PRÁTICAS DE SI, E RESISTÊNCIAS	
João Marcelo de Oliveira Cezar	
DOI 10.22533/at.ed.1582015017	
CAPÍTULO 8	80
MARANHÃO, A ÚLTIMA CRUZADA ENCANTARIA SEBASTIÂNICA E ESCRITOS CAVALEIRESCOS MEDIEVAIS	
Marcus Baccega	

DOI 10.22533/at.ed.1582015018

CAPÍTULO 9 95

HISTÓRIA PÚBLICA E PATRIMÔNIO EM PAULO FRONTIN - PR

[Welerson Fernando Giovanoni](#)

[Michel Kobelinski](#)

DOI 10.22533/at.ed.1582015019

CAPÍTULO 10 110

O POBRE: AS REPRESENTAÇÕES DA POBREZA NA IMPRENSA DE JUIZ DE FORA EM FINS DO SÉCULO XIX

[Iolanda Chaves Ferreira de Oliveira](#)

DOI 10.22533/at.ed.15820150110

CAPÍTULO 11 119

OS FRANCISCANOS E OS GENTIOS NO BRASIL COLONIAL – A SERVIÇO DA FÉ E DA COROA

[Peter Johann Mainka](#)

DOI 10.22533/at.ed.15820150111

CAPÍTULO 12 148

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL “POR DENTRO DA HISTÓRIA”: UM GUIA PARA A METODOLOGIA?

[Francilene Ramos Lourenço Soares](#)

DOI 10.22533/at.ed.15820150112

CAPÍTULO 13 157

A PRODUÇÃO FÍLMICA “ARAGUAIA: CAMPO SAGRADO” E A INTERPRETAÇÃO DE SUA NARRATIVA

[Marcondes da Silveira Figueiredo Júnior](#)

DOI 10.22533/at.ed.15820150113

CAPÍTULO 14 176

O PENSAMENTO ANARQUISTA NA IMPRENSA ANARQUISTA DURANTE AS CRISES DA DEMOCRACIA NO BRASIL

[Pedro Rachid de Paula Reino](#)

DOI 10.22533/at.ed.15820150114

CAPÍTULO 15 187

UMA BREVE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO LULISMO (2003-2010)

[Nathan dos Santos Alves](#)

DOI 10.22533/at.ed.15820150115

CAPÍTULO 16 198

A EDUCAÇÃO NO BRASIL E OS PACTOS DA BRANQUITUDE

[Adelina Malvina Barbosa Nunes](#)

[Margareth Diniz](#)

DOI 10.22533/at.ed.15820150116

CAPÍTULO 17	208
O ENSINO DA HISTÓRIA, ENTRE A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA E A CULTURA ESCOLAR	
Antonio Carlos Figueiredo Costa	
DOI 10.22533/at.ed.15820150117	
CAPÍTULO 18	217
O TRAÇADO DA GUERRA: A CARICATURA COMO ARMA NA GUERRA DO PARAGUAI (1864 – 1870)	
Theo de Castro e Carneiro	
DOI 10.22533/at.ed.15820150118	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	229
ÍNDICE REMISSIVO	230

INTERFACE ENTRE FOUCAULT E BUTLER: CAMINHOS PARA SE PENSAR OS CORPOS, SEXUALIDADES/GÊNEROS, PRÁTICAS DE SI, E RESISTÊNCIAS

Data de Submissão: 15 de outubro de 2019.

Data de aceite: 05/12/2019

João Marcelo de Oliveira Cezar

Departamento de História, Faculdade de Ciências
e Letras

Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho
(UNESP) – Campus de Assis
Assis - SP

Lattes:[http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/
visualizacv.do?id=K8046948P0](http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K8046948P0)

RESUMO: O trabalho em questão visa identificar relações entre conceitos foucaultianos, buscando compreender a legitimação de determinados discursos e regimes de poder, que regulam corpos, gênero, sexualidade e também as subjetividades, com a Teoria Queer, que de certa forma surge como uma resposta à essa ordem regulatória, ao afirmar que essas categorias não podem ser nem verdadeiras nem falsas, mas produzidas como efeitos de verdade de um discurso de identidade primária e estável.

PALAVRAS-CHAVE: Judith Butler; Michel Foucault; Teoria Queer.

**INTERFACE BETWEEN FOUCAULT AND
BUTLER: WAYS TO THINK ABOUT BODIES,
SEXUALITIES/GENDERS, PRACTICES OF**

YOURSELF AND RESISTANCES.

ABSTRACT: The work in question aims to identify the relations between foucauldians concepts, searching to comprehend the legitimation of determinates speeches and power regime, that regulates bodies, gender, sexuality and also de subjectivities, with the queer theory, that in a certain way comes up as an answer to this regulatory order, affirming that these categories can be neither true nor false, but produced as effects of truth of a estable and primary identity speech.

KEYWORDS: Judith Butler, Michel Foucault, Queer Theory.

1 | INTRODUÇÃO

Segundo Michel Foucault (2000) todas as pessoas estão submetidas a um poder, e também o exercem. Esse poder, que para ele se manifesta nas relações, possui diversas ferramentas e tecnologias, que o servem, controlando comportamentos, modos de vida e construindo subjetividades, de forma a manter esse dado poder. Esse regime que se estabelece, utilizando-se de ferramentas e micropoderes para sua manutenção, é conceituado como “Biopoder”.

A sexualidade/gênero é entendida por Foucault como sendo uma ferramenta para

essa manutenção do poder, ela colabora no modo como nos construímos, nas nossas “práticas de si”, nas formas como nos relacionamos com outros, ou como praticamos nosso sexo. Por ser um “dispositivo histórico” (FOUCAULT, 2017), essa sexualidade é construída, e demarca o poder.

O autor ainda aponta, em seu *Microfísica do Poder* (2000) uma ideia crucial de que todas as relações de poder demarcam também relações de resistências, elas caminham juntas. Portanto, a ferramenta sexualidade/gênero é um campo de resistência e disputas, afirmação que também faz parte dos estudos *queer*.

O trabalho desenvolvido aqui está dividido em dois blocos, sendo que o primeiro trata sobre o que são os estudos *queer* e como eles estão banhados em conceitos que já haviam sido utilizados e problematizados por Michel Foucault. Como a sexualidade/gênero pode ser demarcada como uma ferramenta do poder? É uma pergunta que buscamos tentar responder nesse primeiro tópico.

No segundo momento buscaremos encontrar possíveis caminhos para resistir a esse referido “poder”. Ficará claro que o objetivo aqui não é encontrar soluções para elimina-lo, mas formas de revertê-lo dentro de suas próprias malhas. Sendo que o ponto em questão será a sexualidade, portanto, quem nos apresentará os possíveis caminhos será a teórica *queer* Judith Butler, que se utiliza de Foucault para elaborar seus conceitos de “agência” e “performatividade”.

2 | A TEORIA QUEER E SEUS ENTRELAÇAMENTOS COM CONCEITOS DE MICHEL FOUCAULT

O termo *Queer*, antes da década de 1980, era usado como algo pejorativo e para inferiorizar pessoas que não se encaixavam no padrão heteronormativo, fosse em relação aos seus desejos ou modos de se comportar e vestir; ou seja, sujeitos que desviavam do que se espera dos comportamentos e desejos “naturais” de um homem ou mulher. Uma tradução livre do significado de *Queer* para o português seria “Viado”, “Bicha”, “Sapatão”, entre outros. Esse termo, a partir da década de 1980, começa a ser ressignificado por parte do Movimento Homossexual de então, agora não mais como algo pejorativo, mas com um caráter de resistência, buscando-se força e reconhecimento no termo. (CARRILLO, 2010)

Antes de 1980 já havia debates e trabalhos no meio acadêmico acerca do sexo, sexualidade e sujeito, que caminhavam junto ao Movimento Homossexual, porém ele e as discussões que se tinha já não afetavam o *status* quo da sociedade, mantendo os privilégios brancos, masculinos e a monogamia dentro dos próprios grupos minoritários. Depois do surto da AIDS surgem novos agrupamentos “preocupados em desafiar as fronteiras tradicionais de gênero e sexuais, pondo em xeque as dicotomias masculino/feminino, homem/mulher, heterossexual/homossexual” (LOURO, 2001, p.546), e que iam contra os privilégios existentes dentro do movimento, entendendo que “o discurso político e teórico que produz a representação ‘positiva’ da homossexualidade também

exerce, é claro, um efeito regulador e disciplinador. Ao afirmar uma dada posição-de-sujeito, supõe, necessariamente, o estabelecimento de seus contornos, seus limites” (ibidem, p.544), que não dão espaço para figuras como a da “bicha afeminada” ou as travestis.

Estudos relacionados aos trabalhados pela Teoria *Queer* começaram a se desenvolver desde os anos 80, como oposição aos estudos sociológicos normalizados acerca de gênero e sexualidade; sendo que a expressão *Queer Theory* é usada pela primeira por Teresa de Lauretis, em 1990, década em que essa linha de pesquisa e debate se consolida de fato (MISKOLCI, 2009, p. 151).

De um ponto de vista prático, essa teoria é resposta à ordem regulatória dos corpos, das sexualidades e das subjetividades (PELÚCIO, 2014, p.28). A Teoria *Queer* tem como objeto as relações entre sexo e gênero, mais especificamente, ela surge de uma aliança de teorias feministas, pós-estruturalistas e psicanalíticas, que orientavam a investigação que já vinha se fazendo sobre a categoria do sujeito, propondo-se a construir o espaço de desestabilização, subversão e emancipação para fenômenos relacionados com gênero e sexo (SALIH, 2002, p.19), de modo que

tornar a teoria *Queer* é duvidar das verdades universais presentes nas teorias, problematizando todo conhecimento que se apresenta com o status de verdade universal por meio da análise e da evidenciação das relações de poder que produzem determinados saberes como hegemônicos (DE SOUZA, 2017, p.311)

Com isso, percebe-se como a problemática *Queer* não é exatamente a da homossexualidade, mas a da abjeção. Segundo Miskolci, esse termo refere-se o espaço a que a coletividade costuma relegar indivíduos que considera uma ameaça ao seu bom funcionamento, à ordem social e política. Segundo Julia Kristeva, o abjeto não é simplesmente o que ameaça a saúde coletiva ou a visão de pureza que delinea o social, mas, antes, o que perturba a identidade, o sistema, a ordem. (KRISTEVA, 1982) Segundo Miskolci, a abjeção, em termos sociais, constitui a experiência de ser temido e recusado com repugnância, pois sua própria existência ameaça uma visão homogênea e estável do que é comunidade. (MISKOLCI, 2016) Isto posto, o *queer* não é uma defesa da homossexualidade, é a recusa dos valores morais violentos que instituem e fazem valer a linha da abjeção, essa fronteira rígida entre os que são socialmente aceitos e os que são relegados à humilhação e ao desprezo coletivo.

Conforme Miskolci, o *queer* busca tornar visíveis as injustiças e violências implicadas na disseminação e na demanda do cumprimento das normas e das conversões culturais, violências e injustiças envolvidas tanto na criação dos “normais” quanto dos “anormais” (ibidem, p.26).

O pensamento foucaultiano destaca-se como um dos principais inspiradores da Teoria *Queer*, pelo fato de Michel Foucault problematizar o corpo, a sexualidade e o gênero como dispositivos construídos historicamente, e constituídos de discursos e práticas de saber-poder. Sua obra é marcada por três fases: arqueologia,

genealogia e a estética da existência, divididas em três eixos, respectivamente: saber, poder e subjetivação. A arqueologia propôs um modelo de descrição baseado nas transformações dos saberes. A genealogia procurou analisar o surgimento dos saberes e de que forma, através da experiência social, os indivíduos eram levados a reconhecer a si próprios como sujeitos de uma sexualidade, que se articulava em um sistema de regras e coerções relativas a relações de poder. Na terceira fase, estética da existência, Foucault trabalha, a partir da antiguidade greco-romana, as práticas de si, que apontam para a possibilidade da produção de si mesmo através de condutas historicamente situadas. (VENTURA, 2008, p. 64)

A proposta do trabalho aqui apresentado se situa a partir da obra de Foucault em associação com Judith Butler – teórica que desponta como um dos principais nomes no que se refere aos estudos *queer* -, a respeito da performatividade dos gêneros e agência dos corpos, de fundamental importância para a Teoria *Queer*. Em sua obra, Butler põe em dúvida a categoria do “sujeito” - ao assinalar que o gênero é performativo -. Além disso, afirma que há modos de “construir” a nossa identidade, por isso o sujeito dispõe de “performatividade” quanto à construção do si. Dizer que o sujeito é constituído não significa que está determinado; ao contrário, a sua condição de constituído é mesmo uma pré-condição para a agência, pois o que informa uma reconfiguração de relações culturais e políticas é o fato de que existe a possibilidade de resistir, ou seja, deve-se questionar as condições da construção do sujeito, reposicionando o agente dentro das matrizes de poder.

Abre-se então, do ponto de vista dessa formulação foucaultiana que a Teoria *Queer* retoma, a possibilidade de questionar a própria definição da identidade que serve de base para a ação do sujeito através de sua sexualidade. Em sua obra *Problemas de Gênero*, Butler argumenta que assim como acontece com o gênero, não há corpos antes da inscrição cultural, e o sexo, assim como o gênero, pode ser performativamente reinscrito de maneiras que acentuem seu caráter construído. Além disso, o voltar-se sobre si do gênero nas relações de poder que o estabelecem, mostra Foucault (2017, p.33), permite pensar que existem diferentes maneiras de “se conduzir” moralmente, diferentes maneiras, para o indivíduo que age, de operar não simplesmente como agente, mas como sujeito moral dessa ação.

Foucault (2017) afirma, em sua fase genealógica, que a sexualidade é um “Dispositivo Histórico”, ou seja, ela é uma relação de poder, uma vez que se constitui, historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem “verdades”. O dispositivo “sexualidade” é a rede de relações de poder-saber que se estabelece entre esses elementos objetivando processos de subjetivação (1993, p.244). E segundo o autor, esse poder que produz saberes deve ser entendido da seguinte forma:

Não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre outros, de uma classe sobre outras; mas ter bem presente que

o poder não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem e lhe são submetidos. (...) O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos (...) estão sempre em posição de exercer e de sofrer sua ação. (...) Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. (FOUCAULT, 2000, p.183)

Em seus trabalhos, Michel Foucault discorre sobre o conceito da “Hipótese Repressiva”, que busca responder à questão “A repressão do sexo é mesmo uma evidência?”, já que, conforme seus escritos, desde o século XVII o que existe é uma “verdadeira explosão discursiva” (FOUCAULT, 2017, p.19). Já não se busca ocultar, mas fazer falar, e essa característica está diretamente relacionada a cultura da confissão, que é fortalecida com a contrarreforma. “O sexo é açambarcado e como que encurralado por um discurso que pretende não lhe permitir obscuridade nem sossego”. (ibidem, p.22)

Segundo Foucault, cria-se mecanismos de poder, na modernidade, que visam colocar o sexo em discussão, torná-lo público. E esse discurso moderno sobre o sexo e a sexualidade, que já não é só religioso, mas também científico, não tem como intenção a repressão, mas o controle e a classificação. Nesse momento, “cumprir falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidades, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo” (ibidem, p.27), controlando as chamadas “práticas de si”, ou seja, os modos como as pessoas subjetivam a si mesmas, seus comportamentos, desejos, paixões, vestimentas e etc.

Para a análise feita nesse trabalho, é importante apontar que o poder, para Foucault, também nomeia e cria personagens, é o caso do homossexual, que até o século XIX não era categorizado dessa forma, como um sujeito, mas apenas como uma atitude, já que qualquer pessoa podia cometer o ato da sodomia (ter relações sexuais com alguém do mesmo sexo). No século XIX, no entanto, o termo “Homossexualidade” passa a definir não um ato de pecado, mas uma natureza, um sujeito em que “nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade” (ibidem, p.48). Nesse sentido, o poder não irá excluir sujeitos com essas características desviantes, mas categorizá-los e caracterizá-los, utilizando a nomeação como forma de controle.

O poder, portanto, irá criar tecnologias que gerenciam a vida das pessoas, produzindo características sociais, formando saberes, induzindo prazeres e produzindo discursos. Essa sociedade moderna, em que o poder se mostra dessa forma, é nomeada por Foucault de “Sociedade Disciplinar”, que maximiza o controle dos indivíduos e cria o chamado “Biopoder”, que será responsável por fazer uma “gestão calculista da vida” e “administração dos corpos” das pessoas, através de

escolas, colégios, casernas, ateliês; aparecendo, também, no terreno das práticas políticas e observações econômicas, dos problemas de natalidade, longevidade, saúde pública, habitação e imigração, explosão; portanto de técnicas diversas e numeras para obterem a sujeição dos corpos e o controle das populações. (ibidem,

Tendo em mente que a sexualidade e o gênero são tecnologias/dispositivos que fazem parte da rede do “Biopoder”, é imprescindível apontar a relevância desses para a manutenção do poder existente na modernidade e pós-modernidade, de manter as pessoas vivas, já que “estamos em uma sociedade do ‘sexo’, ou melhor, ‘de sexualidade’: Os mecanismos do poder se dirigem ao corpo, à vida, ao que a faz proliferar, ao que reforça a espécie, seu vigor, sua capacidade de dominar, ou sua aptidão para ser utilizada” (ibidem, p.160).

Para Foucault, o sexo é um mecanismo criado pela instituição histórica que é a sexualidade, justamente para legitimá-la como marca que se insere no corpo, ou seja, transformar o que era discurso em algo visível, portanto, não podemos

Situar o sexo do lado do real e a sexualidade do lado das ideias confusas e ilusões, a sexualidade é uma figura histórica muito real, e foi ela que suscitou, como elemento especulativo necessário ao seu funcionamento, a noção de sexo. Não acreditar que dizendo-se sim ao sexo se está dizendo não ao poder; ao contrário, se está seguindo a linha do dispositivo geral de sexualidade (ibidem, p.171)

É nesse sentido que se pode afirmar que ao se praticar o sexo homossexual, ou “se assumir” enquanto gay/lésbica, não se está caminhando contra o poder, pelo contrário, ele é quem incentiva a confissão e a categorização, ele é quem ressalta características. É com tal olhar que esse trabalho insere a Teoria Queer no debate, entendendo que a mesma irá apontar que ambos os polos, heterossexual e homossexual, se complementam, e necessitam um do outro para sua permanência, o que significa que a homossexualidade é produzida discursivamente por meio das normas sociais para legitimar a heterossexualidade, demarcando assim os “corpos que importam” (LOURO, 2001, p.549). Só é possível criar os sujeitos “normais e naturais, por meio da produção de outros perversos ou patológicos” (MISKOLCI, 2009, p.173).

3 | OS POSSÍVEIS CAMINHOS PARA AS RESISTÊNCIAS

De acordo com Foucault, onde há poder, há resistência sendo criada, sendo esta última condição primordial para a existência do primeiro, a partir das suas multiplicidades de atuação (FOUCAULT, 2017, p.91). As resistências constituem nossos corpos, percorrem-nos, caracterizando-se como pontos móveis e inventivos. Butler utilizará de Foucault para propor, em sua Teoria *Queer*, possibilidades para a resistência, ou seja, na obra *Problemas de Gênero* (2003) o conceito foucaultiano de “resistência ao poder” será reinterpretado com a intenção de desviar das normas regulatórias relacionadas às sexualidades, possibilitando apresentar sujeitos alternativos a elas.

Judith Butler aponta em *Problemas de Gênero* que o gênero é socialmente construído, assim como o sexo e o próprio corpo, que existem nas marcas do gênero. E essas categorias são construídas dentro de uma lógica binária, homem/

mulher, hetero/homo, ativo/passivo, para suprimir “a multiplicidade subversiva de uma sexualidade que rompe as hegemonias heterossexual” (BUTLER, 2018 p.47). Dessa forma, há a manutenção do que Monique Witting irá nomear de “Heterossexualidade Compulsória”, que cria uma ideia metafísica de gênero e desejo, de modo que todo ser humano que nasce com um pênis, é necessariamente um “homem” que se sente atraído sexualmente por “mulheres”.

Nesse sentido, Butler discorre que os corpos são entendidos como submissos aos gêneros, como se fossem passivos, prontos a serem inscritos por algo metafísico. Se venho ao mundo dentro da categoria “Mulher”, meu corpo necessariamente deve corresponder às normas sociais que caminham junto a essa categoria, nos modos de se vestir, agir ou desejar. Nesse sentido, a autora afirma que os gêneros são vistos como algo metafísico, porém, na realidade, não passam de construtos sociais criados nas malhas do poder para atender ao mesmo, de modo a serem performativos, como em um teatro, em que os movimentos, gestos, comportamentos e *“los variados actos de género crean la idea de género, y sin esos actos, no habría género alguno”* (GROS, 2010, p.251), dessa forma

a “nomeação do sexo é um ato de dominação e coerção, um ato performativo institucionalizado que cria e legisla a realidade social pela exigência de uma construção discursiva/perceptiva dos corpos, segundo os princípios da diferença sexual. Assim, conclui Witting, “somos obrigados, em nossos corpos e em nossas mentes, a corresponder, traço por traço, à ideia de natureza que foi estabelecida para nós (...) ‘homens’ e ‘mulheres’ são categorias políticas, e não fatos naturais”. (BUTLER, 2018, p.201)

Ao se entender que os gêneros, sexualidades, sexos e corpos são performativos, e construídos por meio de um discurso, e que àqueles considerados “anormais”, como os homossexuais, também são criação do mesmo poder que formula os “normais”, heterossexuais, a questão que começa a existir é “Como escapar desse poder? Como subverte-lo?”, e segundo Butler, a resposta dessas questões está na capacidade de agência que possuímos enquanto corpos, já que, como dizia Foucault, “contra o dispositivo de sexualidade, o ponto de apoio do contra-ataque não deve ser o sexo-desejo, mas os corpos e os prazeres” (2017, p.171), só assim que se pode ter um papel de resistência frente as tecnologias do poder.

Butler coloca em jogo a ideia de “Agência”, ao apontar que os corpos não são tábulas vazias prontas a serem preenchidas de forma extremamente passiva, pelos gêneros e suas performatividades, mas que podem ser agentes de ações que subvertam os ideais que lhe são impostos, por meio de atos, também performáticos e teatrais, que façam uma imitação do “original”, um exemplo disso são as travestis e *drags*, que ao parodiar o ideal “natural”, revelam que o próprio “original é uma imitação” (BUTLER, 2018, p.238), desnaturalizando e imitando o mito.

A sexualidade é uma organização historicamente específica do poder, do discurso, dos corpos e da afetividade (BUTLER, 2018, p. 137). As reinscrições do

gênero que constituem a “agência” do sujeito no interior da lei dependem do corpo, na medida em que este é objeto material das relações de poder (SALIH, 2002, p.88). E esse corpo, para Butler, não é uma “facticidade muda” (2003, p.129), ou seja, não é um fato da natureza. Assim como o gênero ele é atravessado por discursos, isto é, o sexo e o gênero são construções culturais “fantasmáticas” que demarcam e definem o corpo (SALIH, 2002, p. 72). No caso do dispositivo da sexualidade, os pontos de resistência encontram-se nos corpos e nos prazeres.

Para a autora, “se a subversão for possível, será uma subversão a partir de dentro dos termos da lei, por meio das possibilidades que surgem quando ela se vira contra si mesma e gera metamorfoses inesperadas” (BUTLER, 2018, p.164). Com esse apontamento pode-se notar que mesmo estando submetidos ao poder, mostrar o quanto as categorias criadas por ele são fantasiosas é uma possibilidade, se utilizando, inclusive, das mesmas, performando-as de maneira subversiva através da capacidade de agência que possuímos enquanto corpos, já que “*si soy alguien que no puede ser sin hacer, entonces las condiciones de mi hacer son, em parte, las condiciones de mi existencia*” (BUTLER, 2018, p.16).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as interpretações levantadas aqui é possível apontar que a sexualidade é, para Foucault, uma tecnologia, criada como ferramenta do poder, para manter os corpos dóceis e uteis ao mesmo. Ferramenta essa que se utiliza de sexualidades, gêneros e sexos para moldar determinados corpos, faze-los praticarem apenas aquilo que lhes é criado e imposto discursivamente.

Os teóricos *Queer* retomam os estudos sobre sexualidade de Foucault, entendendo-a como um dispositivo histórico do poder. A noção de dispositivo demarca uma conexão entre diversos elementos heterogêneos da vida social, como discursos, instituições, legislações, concepções, organizações arquitetônicas, a filosofia, a ciência, moralidades e outros. A mediação de discursos sobre o sexo, articulados por esses elementos, toma como principal objetivo não a repressão, mas a regulamentação do sexo e, por consequência, de modos de vida.

Essa regulamentação, no entanto, pode sofrer resistências, quando o sujeito-corpo se utiliza do que Judith Butler chama de “Performatividade”, para parodiar ações e comportamentos que não cabem dentro do papel que lhe é imposto. É através desse ato de agência dos corpos, que existe a possibilidade não de acabar com o poder, mas de subvertê-lo dentro de suas próprias malhas, mostrando através de uma imitação que o próprio é um mito, e não algo natural e ontológico como o discurso tenta, a todo momento, reforçar.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. Lenguaje, poder e identidade. Madrid: Síntesis, 2004
- BUTLER, Judith. Mecanismos psíquicos del poder – Teorías sobre la sujeción. Madrid: Ediciones Cátedra, 2001.
- BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Editora Record, 2003.
- BUTLER, Judith. Vida precária. Contemporânea, São Carlos, n.1, p.13-33, jan-jun. 2011.
- BUTLER, Judith. Deshacer el Género. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2018
- CARRILLO, Jesús. Entrevista com Beatriz Preciado. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 28, p. 375-405, abr. 2016. ISSN 1809-4449. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644810>>. Acesso em: 08 maio 2019.
- DELEUZE, G. “Post-scriptum” sobre as sociedades de controle. In: _____. Conversações. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992, p. 219-226. DELEUZE, G. Foucault. São Paulo. Editora Brasiliense. 2005, p. 13-32, 14.
- DREYFUS, H.L. & RABINOW, P. Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. Apêndice da 2ª edição. In: _____. Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1995. p. 251-278.
- DREYFUS, H.L. & RABINOW. A genealogia do indivíduo moderno como objeto. In: _____. Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, M. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro. Editora Forense Universitária. 1969, p. 1- 21, 62- 70, 151- 219.
- FOUCAULT, Michel. História da sexualidade II: o uso dos prazeres. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz&Terra, 2017.
- FOUCAULT, Michel. História da sexualidade III: o cuidado de si. Paz&Terra, 2017.
- FOUCAULT, Michel. História da sexualidade. v. 1. A vontade de saber. 2017, p.101
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. 15 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000.
- GROS, Alexis Emanuel. Judith Butler y Beatriz Preciado: una comparación de dos modelos teóricos de la construcción de la identidad de género en la teoría queer, In: Civilizar 16 (30): 245-260, enero-junio de 2016.
- LEMOS, Flavia Cristina Silveira; CARDOSO JÚNIOR, Hélio Rebello. The genealogy in Foucault: a trajectory. Psicologia & Sociedade, v. 21, n. 3, p. 353, 2009.
- LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho – Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LOURO, Guacira Lopes. TEORIA QUEER - UMA POLÍTICA PÓS-IDENTITÁRIA PARA A EDUCAÇÃO. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541, jan. 2001. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000200012>>. Acesso em: 08 maio 2019.
- MARINHO, Cristiane Maria; VERAS, Elias Ferreira. Michel Foucault e a teoria queer. Bagoas-Estudos

gays: gêneros e sexualidades, v. 11, n. 16, p.22, 2017.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, v.1, n.21, p.151, 152., jan-jun. 2009.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Autêntica, 2016

SALIN, Sara. *Judith Butler e a teoria queer*. Autêntica, 2002.

SPARGO, Tamsin. *Foucault e a teoria queer: seguido de Ágape e êxtase: orientações pós-seculares*. Autêntica, 2017.

VEIGA-NETO, Alfredo. O poder-saber. In: _____. *Foucault & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 141-158.

VENTURA, Rodrigo Cardoso. A estética da existência: Foucault e Psicanálise. *Cógitto*, v. 9, p. 28, 2008.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ação Penal 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67
Amarração 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35
Análise de políticas públicas 187
Anarquismo 176, 177, 178, 182, 184, 185
Anarquista 176, 177, 178, 179, 181, 182, 185
Araguaia-Campo Sagrado 157

B

Branquitude 198, 199, 200, 201, 202, 206

C

Caricatura 217, 219, 220, 227
Caridade 110, 114, 115, 117, 118
Carnaval 1, 3, 4, 5, 6, 9
Ceará 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36
Colonização 19, 39, 80, 82, 83, 84, 93, 119, 124, 128, 133, 134, 136, 146, 199, 202, 215
Crise 112, 145, 176, 179, 181, 185, 213, 217
Crítica da Economia Política 13, 24
Cultura histórica 208, 210, 212

D

Democracia 9, 10, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 194, 211
Discurso Econômico 13, 14, 23, 24

E

Economia Política 13, 18, 21, 22, 23, 24
Educação 37, 43, 44, 45, 78, 79, 96, 102, 106, 108, 115, 119, 126, 136, 144, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 182, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 206, 211
Educação patrimonial 108, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156
Encantaria 80, 81, 82, 85, 86, 87, 88, 91, 93, 94
Ensino de História 1, 4, 43, 44, 106, 107, 215
Escola de samba 1, 3, 4, 5, 6

F

Filme 157, 159, 166, 169, 175

G

Golpe 176, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 211
Guerra do Paraguai 217, 219, 220, 227

Guerrilha do Araguaia 157, 158, 161, 164, 175

Guia básico de educação patrimonial 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155

H

História da Educação 187, 191, 195, 201

História do Brasil Colonial 119

História do Direito 58, 63, 64, 65, 67, 68

História do Processo Penal 58, 63

História local 95, 148, 156

Historiografia 4, 25, 28, 37, 62, 63, 112, 136, 137, 141, 144, 162, 179, 208, 212, 215, 217, 220

I

Identidade 3, 5, 6, 7, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 42, 48, 49, 70, 72, 73, 78, 96, 97, 98, 104, 118, 175, 198, 199, 209, 210, 215

Ideologia 13, 14, 15, 17, 20, 23, 24, 27, 32, 113, 116, 117, 178, 199, 203, 216

Indígenas 3, 9, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 119, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 183, 199, 202

J

Judith Butler 70, 71, 73, 75, 77, 78, 79

L

Legislação 60, 66, 133, 139, 141, 142, 187

Lulismo 187, 188, 189, 191, 194

M

Maranhão 25, 32, 34, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 93, 94, 119, 144, 145

Matéria Cavaleiresca Alemã 80

Memória 4, 36, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 85, 86, 96, 97, 98, 100, 102, 106, 108, 109, 149, 151, 152, 154, 156, 157, 158, 161, 162, 164, 167, 169, 172, 174, 175, 212, 214, 215, 220, 227

Michel Foucault 70, 71, 72, 74, 78

Missão 119, 120, 122, 123, 124, 125, 129, 131, 143, 144, 192

N

Negociações 38, 39, 58, 63, 64, 66, 67

O

Ordem de São Francisco (OFM) 119

P

Periódicos 28, 31, 65, 98, 180, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224

Pesquisa 25, 28, 37, 38, 43, 44, 45, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 63, 64, 65, 66, 72,

92, 95, 96, 98, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 148, 150, 158, 164, 174, 176, 178, 180, 184, 185, 187, 188, 192, 196, 198, 199, 201, 203, 204, 205, 208, 213, 217, 227

Piauí 25, 26, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36

Pobreza 110, 111, 113, 114, 116, 177, 189, 190

Política Educacional 187

R

Racismo 7, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 206, 212

Regime militar 9, 10, 157, 158, 164, 174

S

Samba enredo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 11

Subjetividade 198, 200

T

Teoria Queer 70, 71, 72, 73, 75, 78, 79

Transição ao capitalismo 13

 **Atena**
Editora

2 0 2 0